



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

SONIETE ALVES DA SILVA

**MULHER E ESCRITA NO RENASCIMENTO FRANCÊS: MARGARIDA DE
NAVARRA E A OBRA *HEPTAMERON***

**MONTEIRO - PB
2022**

SONIETE ALVES DA SILVA

**MULHER E ESCRITA NO RENASCIMENTO FRANCÊS: MARGARIDA DE
NAVARRA E A OBRA *HEPTAMERON***

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentado à
Coordenação do Curso de Letras -
Português da Universidade Estadual
da Paraíba (UEPB), como requisito
parcial à obtenção do título de
Graduada em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura
Orientador: Prof. Ma. Simone dos
Santos Alves Ferreira

**MONTEIRO - PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474m Silva, Soniete Alves da.

Mulher e escrita no Renascimento Francês
[manuscrito] : Margarida de Navarra e a obra *Heptameron*
/ Soniete Alves da Silva. - 2022.

45 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Simone dos Santos Alves
Ferreira
, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Margarida de Navarra (1553–1615). 2.
Reforma Protestante. 3. Heptameron (Novela). 4.
Escrita feminina. I. Título

21. ed. CDD 801.95

SONIETE ALVES DA SILVA

MULHER E ESCRITA NO RENASCIMENTO FRANCÊS: MARGARIDA DE NAVARRA E A OBRA *HEPTAMERON*

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação do Curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras - Português.

Área de concentração: Literatura

Aprovada em: 23/03/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ma. Simone dos Santos Alves Ferreira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Geisiane Nunes de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A palavra gratidão tem origem do latim *gratus*, que pode ser traduzido como agradecido ou grato. Também deriva de *gratia*, que significa graça. Ou seja, a gratidão precisa fazer parte de todas as fases de nossa vida, pois ela nos torna pessoas mais felizes e melhores.

Primeiramente, a minha gratidão é a Deus, o autor de minha vida, pois se não fosse por sua permissão e condução não teria chegado até aqui. Aos meus pais, Sátiro e à minha mãe, Maria José, por todo apoio e esforços feitos ao longo desse percurso para que eu pudesse alcançar meus objetivos.

Às minhas amigas de classe Taysa, Beatriz, Tatiana e Luana, que também foram suporte durante esses anos de formação, não apenas na academia, mas são amigas para a vida.

Ainda, estendo a minha gratidão a todos os professores que foram e são inspiração para mim, os quais cada um com o seu jeito deixaram suas marcas em minha vida. Cada aprendizado, conhecimento transferido me fizeram crescer e evoluir na docência, como também na vida pessoal.

Agradeço a banca examinadora, a professora Geisiane e ao professor Marcelo. Primeiro por terem aceitado o convite, e segundo, porque também são modelos e referência de professores excelentes na academia, e sei que podem contribuir com a minha pesquisa. Além do mais, fizeram parte na minha caminhada acadêmica.

Não poderia também deixar de externar minha gratidão ao meu esposo, Romildo Adriano pela sua compreensão e incentivo de continuar, sempre esteve ao meu lado na caminhada. Sua contribuição e ajuda foram essenciais para hoje ter chegado onde cheguei.

De maneira especial, agradeço a minha orientadora Simone Alves, pois tive o privilégio de ter como mediadora nessa pesquisa, por isso, minha eterna gratidão por cada aprendizado, cada orientação e por ter tido paciência comigo no processo de escrita, sempre disposta a atender, tirar dúvidas e ajudar no que fosse possível. Antes de ser minha orientadora, também foi minha professora em várias disciplinas, por isso, a gratidão é em dose dupla. Além do mais, é também irmã. Enfim, termino essas poucas linhas, mas o sentimento de gratidão

é infinito por todos, pela Universidade em geral que de maneira direta ou indireta contribuíram para que eu chegasse até aqui na caminhada acadêmica.

*A liberdade me ensinou e muito bem
que nela se concentra todo o prazer
possível.*

Margarida de Navarra

RESUMO

Sabe-se que, por muito tempo, a mulher foi impedida de escrever e se expressar livremente, e quem tentava burlar essas normas sofria sérias represálias. Entretanto, sempre houve aquelas que se insurgiram contra as coerções sociais, culturais e morais de determinada época, como é o caso de muitas escritoras. Considerando-se esse contexto, o presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a escrita de autoria feminina na época da Reforma Protestante a partir dos escritos de Margarida de Navarra (1553–1615) e sobre a representação da mulher em suas narrativas. Para tanto, analisaremos as seguintes Novelas da obra *Heptameron* (1560) “O clérigo incestuoso”, “O marido caolho” e “Os franciscanos”. Nosso objetivo é observar como a mulher é representada nessas narrativas a partir das temáticas do adultério, da violência e da igualdade de gênero. Como embasamento teórico, recorreremos às considerações de Almeida (2010) e Viñes (1973) sobre a vida e obra de Margarida de Navarra. Para discussão em torno da escrita de autoria feminina, valemo-nos de Brochado (2011), Zolin (2010), Ramalho (1999), Navarro (1995), Schmidt (1995), Mendonça (1999), Silva (2013). Por último, Delumeau (1989) e Alderi (2011) nos deram subsídio para compreendermos a condição da mulher no contexto do Renascimento e da Reforma Protestante. A análise mostrou que Margarida de Navarra contribuiu para uma ruptura na história da escrita das mulheres, a partir das temáticas trabalhadas em suas novelas, assim como possibilitou uma posição ativa na obra de suas personagens mulheres.

Palavras-chave: Margarida de Navarra. Reforma Protestante. Heptameron.

RESUMEN

Se sabe que, durante mucho tiempo, a las mujeres se les impidió escribir y expresarse libremente, y quienes intentaron eludir estas normas sufrieron graves represalias. Sin embargo, siempre hubo quienes se rebelaron contra las limitaciones sociales, culturales y morales de un momento dado, como es el caso de muchas escritoras. Considerando este contexto, el presente trabajo pretende reflexionar sobre la escritura de la autoría femenina en la época de la Reforma protestante a partir de los escritos de Margarida de Navarra (1553-1615) y sobre la representación de la mujer en sus relatos. Para ello analizaremos las siguientes novelas de la obra *Heptameron* (1560) “El clérigo incestuoso”, “El marido tuerto” y “Os franciscans”. Nuestro objetivo es observar cómo las mujeres son representadas en estas narrativas a partir de los temas del adulterio, la violencia y la igualdad de género. Tomamos como base teórica las consideraciones de Almeida (2010) y Viñes (1973) sobre la vida y obra de Margarida de Navarra. Para la discusión en torno a la escritura femenina, utilizamos Brochado (2011), Zolin (2010), Ramalho (1999), Navarro (1995), Schmidt (1995), Mendonça (1999), Silva (2013). Finalmente, Delumeau (1989) y Alderi (2011) nos dieron apoyo para comprender la condición de la mujer en el contexto del Renacimiento y la Reforma protestante. El análisis mostró que Margarida de Navarra contribuyó a una ruptura en la historia de la escritura femenina, a partir de los temas trabajados en sus novelas, además de permitir una posición activa en la obra de sus personajes femeninos.

Palabras clave: Margarita de Navarra. Reforma Protestante. Heptamerón.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. CAPÍTULO 1: MULHER E ESCRITA NO CONTEXTO DA REFORMA PROTESTANTE	14
2.1 A presença feminina na sociedade renascentista: alguns apontamentos	14
2.2 A literatura de autoria feminina: considerações teóricas.....	16
3. CAPÍTULO 2. MARGARIDA DE NAVARRA E A OBRA <i>HEPTAMERON</i> : ALGUMAS ANÁLISES	29
3.1. Algumas notas sobre a autora: Margarida de Navarra e a sua importância para a Reforma Protestante	29
3.2 Uma voz de denúncia através na literatura: uma análise do conto “XXXIII - O clérigo incestuoso”	31
3.3 A mulher protagonista da narrativa: uma análise da novela “VI- O marido caolho”	34
3.4 Novela V: Os franciscanos- A hipocrisia religiosa e a violência contra a mulher.....	37
3.5. Considerações gerais acerca das análises das novelas	40
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

1. INTRODUÇÃO

Pensar no papel que a mulher desempenhava no Renascimento francês é antes, refletirmos em torno desse período histórico, repleto de mudanças em diversas esferas, seja social, intelectual, nas artes, na religião, na forma de pensar. Um movimento que representou mudanças de mentalidade na história da humanidade, configurando-se em rupturas dos pensamentos advindos da Idade Média, foi o Renascimento. O mundo passou a ser enxergado por outra perspectiva, até a Idade Média, a teologia dominava todos os saberes, a igreja era o centro de tudo, na Idade Moderna o pensamento racional passa a explicar o mundo e os acontecimentos. O antropocentrismo, racionalismo, cientificismo e individualismo são características marcantes do período do Renascimento. O ser humano, no período renascentista passa a ser o detentor de suas ações e tem poder para mudar o seu entorno, sem necessariamente, recorrer ao olhar inquisidor da Igreja.

O Renascimento francês é marcado por movimentos artísticos e culturais do século XV ao século XVII, procurou renascer a cultura e a arte, por isso, enaltece a cultura greco-latina. Nesse período aconteceram grandes descobertas científicas e foram criadas obras de arte grandiosas, a exemplo das obras de Michelangelo, bem como também o surgimento da imprensa no século XVI.

Neste movimento há um forte anseio pelo conhecimento, a busca pela confiança no próprio homem, pela liberdade, novas formas de vida. Se antes o homem não podia pensar por si só, agora é possível falar em uma liberdade de pensamento, de ideias e, conseqüentemente, de posicionamentos.

Ao longo da história, vemos o quanto é desafiador ser mulher em uma sociedade regida pelo sistema patriarcal e machista, que, historicamente construiu visões distorcidas sobre a mulher, sempre vista sob o viés da inferioridade, como o sexo frágil, ou ainda como seres feitos para a procriação. Evidentemente, o único espaço a elas destinados era o lar, suas atividades se resumiam em cuidar da casa, dos filhos e do esposo. Evidentemente mesmo dentro do Renascimento, houve misoginia.

É sabido que em toda a história da humanidade existiram mulheres que buscaram formas de resistir, e não foi diferente nesse contexto, uma vez que também houve mulheres que trilharam caminhos diferentes daqueles impostos na sua época e ressignificaram suas próprias histórias de vida.

Do século XV ao XVII a historiografia oficial pouco documentou história de mulheres em cargos sociais, fora da esfera do lar. No que se refere ao ofício das letras, isso era bem mais raro. A mulher enquanto escritora que rompia com os padrões sociais do ser mulher nessa época teve, por vezes, o seu legado esquecido. A escrita das mulheres não foi tarefa fácil, afinal o ofício de escrever sempre era destinado aos homens, isso fez com que muitas obras fossem mantidas na clandestinidade, embora existissem, pois, o espaço social, editorial não dava oportunidade para essas escritoras.

Margarida de Angolema, rainha de Navarra foi uma mulher dessa época, que na contramão dos postulados que impingiam regras para a vivência feminina, destaca-se como escritora. Escreve diversos textos, desde cartas, novelas, comédias bíblicas, poemas, etc. No entanto, se destaca nas letras, principalmente através da obra *Heptameron*, influenciada pela obra *Decameron* de Bocaccio e *A Divina Comédia* de Dante Alighieri, elabora as setenta novelas que compõem a referida obra.

A obra possui uma tradução em francês, uma em domínio público na língua inglesa e algumas novelas dessa obra conseguimos ter acesso na língua espanhola¹ e são essas traduções que utilizaremos nessa pesquisa. Então, através do livro de Rute Salviano Almeida chegamos a Margarida de Navarra. O *Heptameron*, é um livro de novelas escritas entre 1544 e 1548, Margarida não teve o privilégio de publicá-los, apenas após 10 anos depois de sua morte é que foram impressos. Recebe esse nome por causa da sua composição, uma coleção de 72 novelas breves escritas em língua francesa.

Encontramos um pouco de dificuldade em encontrar referências acerca do legado literário de Margarida, por isso, nossas discussões sobre ela se

¹ 1 Os contos traduzidos para a língua espanhola se encontram na biblioteca digital Ciudad Seva do escritor Porto-riquenho Luiz López Nieves disponível no endereço eletrônico: <https://ciudadseva.com/category/libros-completos/el-heptameron>.

embasarão no livro “*Uma voz feminina na reforma: A contribuição de Margarida de Navarra à reforma religiosa*” (2010) da autora Ruth Silviano Almeida, a qual discorre sobre o contexto da Reforma Protestante e a presença feminina nessa época, relatando a atuação de Margarida de Navarra e também a partir de Hortensia Vinês (1976) no artigo “La novela 26 del heptamerón: apuntes en torno a la narrativa de margarita de valois y angulema”, reina de navarra que analisa uma das novelas do *Heptameron*.

Diante do exposto, nosso trabalho se guia pelos seguintes questionamentos de pesquisa: Como era vista a escrita de autoria feminina na época da Reforma Protestante? Como as novelas da obra *Heptameron* (1560) nos proporcionam uma reflexão crítica do período reformista, assim como da questão da mulher em uma época de grandes conturbações sociais e políticas?

Para tanto, nossa pesquisa toma como corpus as novelas “*o clérigo incestuoso*”, “*O marido caolho*” e “*Os franciscanos*” da obra *Heptameron* (1560) e tem como objetivo geral refletir sobre a escrita de autoria feminina na época da Reforma Protestante a partir das novelas citadas.

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa, pois segundo Triviños (1987), a abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. Será uma pesquisa descritiva e se caracteriza como sendo de natureza bibliográfica. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é construída principalmente de livros e artigos científicos. A pesquisa será guiada a partir do método dedutivo, pois partiremos da teoria que tratam da temática, para então irmos analisar os dados.

Para embasarmos teoricamente nossa pesquisa nos valem das discussões teóricas em torno da escrita de autoria feminina a partir dos estudos de Brochado (2001), Mendonça (1999), Schmidt (1995), Ramalho (1999), Navarro (1995) e Tedeschi (2016) os quais vêm refletindo sobre a literatura de autoria feminina e a importância do resgate de obras e autoras de tempos de outrora para um repensar da nossa História Literária.

Para abordarmos a questão da mulher no contexto da Reforma Protestante nos referenciaremos em Delumeau (1989), Duby (1993), Alderi (2011) e Almeida (2010). E, especificamente, para refletirmos sobre a mulher

escritora nessa época nos valem dos estudos de Rivera Garretas (1990). Os apontamentos teóricos de Zolin (2010), Silva (2013), apesar de não se referirem ao contexto específico da autoria no tempo de Navarra, nos ajudarão como ponto de reflexão para compreender as problemáticas enfrentadas pela mulher quando se deparavam com o meio escritural.

Portanto, o interesse pelo tema da pesquisa deu-se após a leitura do livro *“Uma voz feminina na Reforma”* de Rute Salviano Almeida (2010). Após a leitura surgiu o interesse em descortinar a época dessa escritora e perceber nuances do seu fazer literário. O livro de Almeida (2010) nos levou até a obra *Heptameron* de Margarida de Navarra.

Além disso, percebemos a necessidade de resgatar mulheres escritoras atuantes da história que em tempos remotos, não tiveram espaço na historiografia oficial e literária. Daí o interesse em descortinar o espaço vivido por ela, mulher escritora e intelectual, atuante na época da Reforma Protestante. Nesse sentido, nosso intento é dar visibilidade à sua história, enquanto mulher e escritora, em uma época não tão favorável para o sexo feminino, assim, como, contribuir para o conhecimento de uma escritora que ainda carece de um olhar mais atento para ter seu devido reconhecimento no âmbito literário, social e político da sua época.

Esperamos com esta pesquisa dar visibilidade a escritora Margarida de Navarra e aos seus escritos, bem como contribuir para a reflexão acerca das mulheres escritoras que foram silenciadas ao longo do tempo, mas que deixaram ricas contribuições para estudos dentro da literatura de mulheres, por isso, elas possuem histórias que precisam ser contadas e estudadas.

Dessa forma, o trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo discorreremos acerca da mulher e a escrita no contexto da reforma protestante, apresentando então, como se configurava a presença da mulher nesse contexto, bem como o ofício de escrever. Ainda pertencente ao capítulo um teremos um ponto que trataremos, especificamente, sobre a literatura de autoria feminina e seus pressupostos.

Partindo para o capítulo dois, buscaremos alguns aspectos da biografia de Margarida de Navarra e apresentar a obra *Heptameron*. Além disso, é nesse momento da pesquisa que nos dedicaremos a analisar as novelas escolhidas.

Em seguida, ratificaremos sobre a importância dessa mulher para a Reforma Protestante, o seu papel desempenhado e contribuições para esse período tão importante para a histórias.

2. CAPÍTULO 1: MULHER E ESCRITA NO CONTEXTO DA REFORMA PROTESTANTE

2.1A presença feminina na sociedade renascentista: alguns apontamentos

No século XVI, o movimento intelectual e das artes denominava o Renascimento, trazendo uma redescoberta e valorização da cultura da Antiguidade Clássica, como também a propagação do antropocentrismo e os ideais de perfeição. Além disso, é uma época marcada pelas grandes viagens de descobertas continentais. Concomitante ao Renascimento surge o movimento reformista cristão chamado Reforma Protestante, que tinha por objetivo propor uma reforma no catolicismo romano. É nesse cenário de intensas transformações na sociedade, que Margarida de Navarra aparece como contribuinte de forma ativa. Colaborou para a propagação dos ideais reformistas, refugiava no seu reino protestantes, pobres, oprimidos, tornando-se a corte um centro de amor e acolhimento. Além disso, através dos seus escritos propagava a sua religiosidade pregando uma religião de amor, assim como tecia uma crítica ferrenha aos costumes morais da época.

Nesse período, não houve muitas mudanças em relação a condição feminina que relegava à mulher apenas as funções domésticas, cuidar dos filhos e do marido. No entanto, a partir da Reforma começa-se a buscar a igualdade entre os sexos e as mulheres aos poucos vão adquirindo mais espaço. De acordo com Delumeau (1989), na igreja, as mulheres podiam orar e louvar em voz alta, assim como, interpretar as escrituras e, em casos especiais, podiam pregar. Havia também, nesse início da Era Moderna, publicação de obras de mulheres pertencentes a todas as classes sociais, desde as grandes damas a escritoras pertencentes ao patriarcado urbano. Dessa forma, essa participação feminina começou a mudar a hierarquia política vigente. Conforme Almeida (2010):

O chamado “sexo frágil” iniciou sua participação na vida social a partir dos últimos anos do século XV, com o aumento contínuo do número de poesias femininas e o espaço cada vez maior

ocupado pela beleza feminina na arte. O acesso das mulheres a uma cultura até então reservada aos homens é uma marca de orgulho para a literatura da época. (ALMEIDA, 2010, p. 63).

A partir desse fragmento, percebemos quão importante foi à participação feminina nessa época. Conforme a autora citada, a explicação para esse papel desempenhado pelas mulheres num período de grandes transformações, deve-se, principalmente, ao desenvolvimento da vida das cortes, pois como “o renascimento permitia aos grandes o prazer da conversa, a reabilitação da mulher começou a partir do momento em que se teve tempo para conversar”. (ALMEIDA, 2010, p. 63). Além do mais, muitos dos renascentistas investiram na educação das mulheres de suas famílias. Através disso, os homens perceberam que “sua conversa não era completa sem a participação das damas. Elas sabiam conversar, eram cultas, inteligentes e passaram a transformar a sociedade em menos grosseira, mais moral e mais atenta à mulher e à criança”. (ALMEIDA, 2010, p. 63). Assim, a sociedade foi se adaptando às mudanças e, mesmo que lentamente, adquirindo respeito pela mulher e ouvindo a sua voz.

A situação da mulher no período da Reforma Protestante começa a evoluir, uma vez que é possível perceber que no protestantismo elas ganham a oportunidade de assumir uma posição ao lado do marido nos espaços religiosos, algo que no catolicismo elas não podiam, nem se aproximar do ambiente que não fosse para a devoção. No ambiente do lar, a mulher também ganha certa liberdade, ainda muito pouco, mas é possível observar uma certa mudança, pois elas não mais ficam tão presas ao ambiente doméstico e submissas ao marido, uma vez que agora podem ter a palavra pública e isso lhe confere posição, sendo, portanto, possível ter a oportunidade da palavra pública. Por outro lado, ainda é muito escasso a abertura para assumirem cargos sociais.

Algumas mulheres intelectuais que representaram o movimento literário do século XVI ganharam visibilidade e destaque, tais como: Catarina Von Bora²,

² Catarina Von Bora, fugiu do convento e casou com o líder da Reforma Protestante, Martinho Lutero. Ela teve um papel de destaque na Reforma junto com o esposo.

Claudine Levet³, Marie Dentièrre⁴, e Margarida de Navarra⁵. Mesmo que minúsculo o avanço, nessa época, é possível perceber uma emancipação feminina no meio religioso. Margarida de Navarra exerceu um importante papel para que essa faísca começasse a se acender, uma vez que por meio da escrita contribuiu no combate de estereótipos disseminados contra as mulheres, a posição de subalternidade em relação ao homem, algo patente em sua época e a hipocrisia religiosa que viam as mulheres como menores e, portanto, se achavam no direito de abusar, violentar e enganar.

Contudo, essa visibilidade causada pelas mulheres, e, mais especificamente falando aqui de Margarida de Navarra, não foi visto com bons olhos pela igreja. Com essas mudanças se encaminhando, a alfabetização começou a se tornar uma realidade mais frequente, embora os mais privilegiados fossem os homens, as mulheres também passam a ter o contato com a escrita.

2.2 A literatura de autoria feminina: considerações teóricas

Por muito tempo, escrever era um ofício masculino. As mulheres que usavam a pena foram consideradas amadoras e não profissionais, os escritos de mulheres não eram lidos ou vistos com bons olhos, não havia espaço para elas nas letras e na história. Perrot (2005), esclarece:

A mulher autora esta pretensão literata destrutada atrás para se todos os sarcasmos. Uma mulher que escreve e sobretudo que pública é uma mulher desnaturada que prefere abrigar-se sob um pseudônimo masculino. Seu sucesso provoca escândalo: ele é depreciado. Fazer mulheres adaptadas a suas tarefas "naturais" - esposas, mães, donas-de-casa - é o papel de uma educação que continuou por muito tempo privada, questão familiar e maternal, questão das Igrejas. Os vínculos entre

³ Claudine Levet atuou em Genebra, as suas atividades foram registradas nas atas de Antoine Frommente, pastor protestante da época. Em muitos momentos recebeu distante pela mulher inteligente que foi. Ela deixou suas honrarias para aplicar suas posses no socorro aos pobres, principalmente aos da família da fé.

⁴ Marie Dentièrre também atuou em Genebra, pregando e publicando livros. Ela escreve cartas em defesas das mulheres. O estilo da escrita de Marie Dentièrre demonstra que ela escreve como mulheres para mulheres, trazendo as figuras femininas da Bíblia, ressaltando sua importância e destaque.

⁵ Margarida de Navarra foi de origem nobre, pertencente à família real, irmã do rei Francisco I da França. Apoiou diretamente os reformadores e se dedicou em denunciar as mazelas sócias de sua época por meio das novelas que escreveu na obra "*O Heptameron*". Exerceu uma influência política e persuasiva durante sua vida como rainha de Navarra.

mulheres e religião são antigos, poderosos, ambivalentes. Sujeição e liberação, opressão e poder estão ali imbricados de maneira quase indissolúvel” (PERROT, 2005, p.271).

O direito de escrever chega às mulheres depois de muitas lutas travadas, e, principalmente, o espírito destemido as faz conquistar esse direito tão importante. Porém, ele chega de modo privado, pois o intuito do poder patriarcal era deixar as mulheres em casa. Assim, as mulheres podiam escrever no modo privado por meio de correspondência familiar. As que se atreviam a escrever e publicar eram consideradas como desnaturadas, por isso, muitas se escondiam por trás de pseudônimo masculino. Na sociedade do século XVI, isso era uma afronta ao público masculino existir escritoras mulheres, por isso, se escondiam por trás de um falso nome, sendo esse masculino.

Segundo Navarro (1995), o conceito de autoria nos remonta para o século VIII e VI a.C., período em que acontecia a transição da tradição oral para a escrita. O acesso totalmente restrito à escolarização, pouco se tinha de publicação de livros, logo a literatura oral continuou até o século XVI, momento que começa a surgir a Imprensa, a criação de muitos conventos, e ordens religiosas, o acesso se tornou mais possível à escola.

A escrita de mulheres era rara no âmbito público, pois precisava de uma coragem extraordinária e, além disso, aquelas que optassem pelo ofício precisavam fazer por sua própria conta e risco, ou seja, com recursos próprios, afinal essa profissão não era para a classe feminina, logo o respeito e a dignidade era algo que precisaria ser alcançado com muita persistência e audácia. Uma época em que a sociedade exigia que as mulheres fossem úteis apenas na esfera doméstica e reprodutoras, ousar a pensar e fazer algo diferente disso era uma afronta.

No contexto francês, a escrita de Margarida de Navarra se destaca por trazer uma denúncia ao modo como os líderes religiosos estavam se portando, vivendo uma hipocrisia. Além do mais ela foi uma religiosa que defendia a fé cristã.

Segundo Branco e Brandão (2004) a escrita de autoria feminina do século XIX refletia muito o contexto que elas estavam inseridas, elas falavam da casa, da infância, da maternidade, afinal essa era a realidade de cada uma. Com isso,

podemos refletir que mesmo em séculos anteriores a esse, precisamente no século XVI, Margarida de Navarra possuía uma escrita diferenciada pensando a partir dos conteúdos que Branco e Brandão destaca, pois ela escreve não para descrever sua infância, maternidade ou algo nesse sentido, mas busca por meio das suas novelas, evidenciar situações reais e problemáticas da sociedade do século XVI.

Outro ponto a ser pensando é que a imagem da mulher sempre foi construída pela figura masculina, a exemplo das cantigas medievais, o homem escrevia, pois elas não tinham acesso a esse letramento. No entanto, o número de escritores começa a crescer muito e mover o silêncio há tanto tempo imposto a elas.

Ainda pensando no controle que a sociedade exercia sobre a mulher, lembremos de estereótipos construídos acerca delas: loucas, sexo frágil, pecadoras, não confiáveis. O que restava de opção para elas era viver dentro do lar, no convento, ou ainda no prostíbulo. Esses estereótipos apenas serviam para perpassar uma ideia errônea das mulheres escritoras, pois as coloca em uma posição de inferioridade. Só com o surgimento da crítica feminista⁶ no século XX, começa-se a combater tais estereótipos e repensar a posição de inferioridade reservada para as mulheres no meio escritural e, sucessivamente, foi se rompendo o silêncio e repesando a (in) visibilidade imposta a elas.

Graças às muitas lutas, ao longo dos séculos, travadas em prol dos direitos das mulheres, hoje podemos destacar as inúmeras contribuições que a literatura de mulheres tem proporcionado, conhecimentos sobre a história da humanidade e provido diversos outros vieses de pesquisas. Brochado (2001) reflete que o trabalho com a literatura feminina nos permite pesquisar em torno das experiências e reflexões trazidas por elas, nos possibilitando assim construir outros espaços de significação, e promovendo uma nova maneira de enxergar e de entender o mundo. À luz desse pensamento, percebe-se que a escrita de autoria feminina prover outros meios de pesquisa e, com isso, Brochado (2001) discorre:

⁶ A crítica feminista resumidamente constitui-se como um campo de pesquisa que visa levantar questionamentos da cultura dominante, possibilitando o conhecimento sobre a produção de autoria feminina. Além do mais contribui para o resgate e visibilidade de mulheres escritoras que foram apagadas ou esquecidas na história.

Os estudos relacionados à história das mulheres deram grande contribuição à produção do conhecimento histórico das últimas décadas, bem como à utilização da categoria do gênero. Esses trabalhos abriram novos espaços, ampliando o campo historiográfico e incorporando novos temas e objetos às pesquisas. Igualmente, tivemos acesso a um grande número de mulheres que deixaram os seus registros ao longo do tempo, como é o caso das escritoras medievais, “redescobertas” neste processo (Brochado, 2001, p.1).

A literatura construída por mulheres, então, possibilita novos temas de pesquisa, bem como os estudos relacionados com a história das mulheres nos permite adquirir uma compreensão das lutas desses sujeitos para resistir frente à não valorização. Calcado na ideia que as mulheres não são capazes de produzir, muitas foram excluídas do espaço da cultura e da literatura. Em se tratando do século XVI, a falta de material é preocupante no que se refere aos estudos acerca da escrita de mulheres nesse período. Por isso, neste trabalho nos valem de estudos acerca do século XVIII e XIX para nos ajudar a entender a situação das mulheres vivida nos séculos anteriores.

Ainda consultamos alguns tópicos da tese de Fábio Mário da Silva (2013) intitulada: “*Cânone literário e estereótipos femininos: casos problemáticos de escritoras portuguesas*”, que reflete sobre a condição da mulher no contexto português, bem como a escrita de mulheres naquela época e os discursos sobre a autoria feminina. Apesar das discussões de Fábio Mário (2013) contemplar o espaço português, algumas questões cabem no contexto francês.

Por isso, estudar esses escritos de mulheres, é antes de mais nada, uma maneira de juntar-se a essas vozes e levar avante um legado deixado por elas, que não se calaram em uma sociedade que não dava margem para se expressarem por meio da escrita.

Diante disso, a literatura de autoria feminina vem ganhando espaço ao longo do tempo, desde tempos remotíssimos, sempre existiram mulheres que ousaram ir contra as regras vigentes. Mesmo que o espaço social destinado a elas fosse o lar, conforme Perrot (2007), muitas ficavam confinadas em sótãos escrevendo e lendo clandestinamente.

A escrita de diários era comum no século XIX e nessas páginas elas expunham seus sentimentos e anseios mais profundos, e foram essas matérias

escritas por mulheres que serviram de base para estudos posteriormente. Além disso, muitas que escreviam não possuíam autonomia para publicar, e quando havia oportunidade era sempre sob um olhar masculino, que, na maior parte das vezes, a editora considerava a publicação apenas de títulos que versassem sobre determinados temas tais como, o amor e a maternidade.

As mulheres conquistaram o direito de terem a sua história também escrita, depois de muito tempo deram conta que as mulheres não só tinham histórias, mas também fizeram e fazem a sua própria história. De acordo com Joan Scott (1992), a história das mulheres surge como campo definível, principalmente, a partir da década de 60 do século XX. Sempre houve uma grande conexão entre a história das mulheres e a política, uma vez que a política feminina é ponto de partida para a busca de direitos e igualdades. Acerca da proximidade com o campo político, Scott (1992), discorre:

A conexão entre a história das mulheres e a política é ao mesmo tempo óbvia e complexa. Em uma das narrativas convencionais das origens deste campo, a política feminista é o ponto de partida. Esses relatos situam a origem do campo na década de 60, quando as ativistas feministas reivindicavam uma história que estabelecesse heroínas, prova da atuação das mulheres, e também explicações sobre a opressão e inspiração para a ação (SCOTT, 1992, p. 66).

Ao longo da história sempre se conservou uma visão distorcida sobre a figura da mulher, a imagem de inferioridade, submissão, incapaz para exercerem certas posições, entre outras imagens foram construídas em torno do ser mulher. Por isso, elas reivindicam uma história que as apresentasse como realmente são, heroínas, sujeitos que atuam, que pensam, que opinam, que criam, que escrevem e publicam. As imagens retrógradas devem ser recontadas por outro viés, agora pelo ângulo da igualdade, ampliando o campo de conhecimento da vida das mulheres, tanto do passado, quanto do presente.

A história das mulheres segundo Scott (1992), é, portanto, um campo de estudos que envolve a evolução do feminismo para as mulheres. Nessa mesma direção, Scott (1992), adverte para a necessidade da escrita de uma história que aborde a noção de representação e dominação do poder desigual, uma vez que o homem sempre exerceu uma posição de superioridade em relação a mulher,

logo são eles quem organizam a sociedade, regulam as regras, então, é necessário refletirmos acerca dessa história construída de maneira desigual.

Segundo Tedeschi (2016), a história das mulheres advém de uma profunda transformação da concepção que elas têm uma história, não são apenas destinadas à reprodução e cuidadoras do lar, mas também são agentes históricas. Uma das barreiras quando falamos da história da escrita das mulheres é o que denominamos de androcentrismo, que tem buscado ocultar o papel desempenhado pelas mulheres na sociedade. Dessa maneira, as representações hegemônicas precisam ser problematizadas a partir de outros olhares e perspectivas.

De acordo com Tedeschi (2016), a história da literatura de autoria feminina, parte da necessidade de mulheres se inscreverem no mundo masculino das letras, mas também tinham em mente o risco de serem apagadas. Nesse sentido, adentrar o meio das letras, foi sobretudo um ato de heroísmo, pois se aventuram nesse dilema da não aceitação. Tedeschi (2016) pontua que é por meio da preservação dos escritos dessas mulheres que hoje temos “acesso ao modo como viveram, pensaram e representaram a realidade da qual viviam” (p.05). Até porque, muitas usavam a escrita como válvula de escape mediante uma sociedade coercitiva que constantemente tolhia a sua liberdade.

Muito embora seguida por uma história de silenciamento, elas buscaram maneiras para subverter essa situação vivida com o objetivo de resistir, fazendo dessa condição uma arma para benefício próprio, conforme pontua Perrot (2005):

Evidentemente, as mulheres não respeitaram essas injunções. Seus sussurros e seus murmúrios correm na casa, insinuam-se nos vilarejos, fazedores de boas ou, mas reputações, circulam na cidade, misturados aos barulhos do mercado ou das lojas, inflado as vezes por suspeitos e insidiosos rumores que flutuam nas margens da opinião. Teme-se a sua conversa fiada e sua tagarelice, formas, no entanto, desvalorizadas da fala. Os dominados podem sempre esquivar-se, desviar as proibições, preencher os vazios do poder, as lacunas da História (PERROT, 2005. p. 10)

Mesmo não tendo muitas oportunidades, as fontes que hoje temos para o resgate da memória de mulheres nos ajuda a entender os traços do feminino na

esfera privada. Essas mulheres se fazem ouvir por meio dos seus murmúrios, dar voz ao silêncio que, durante muito tempo, as caracterizava. Foi preciso ultrapassar as injunções colocadas para fazer soar as vozes das que foram dominadas.

Tendo em vista que a escrita era proibida para as mulheres, nas raras exceções elas poderiam se aproximar de livros, agora não poderiam ousar em escrever. No entanto, já no final do século XVIII, as mulheres nesse contexto podem escrever, mas tinham algumas regras que as limitavam, por exemplo, jamais deveriam escrever algo que viesse a ferir a moral e os bons costumes da sociedade. Era-lhes permitido escrever receitas, registros de como manter a casa em ordem, pois todos esses assuntos estavam dentro da ordem patriarcal. Como Perrot (2005, p.13) pontua:

O uso [da escrita], essencial, repousa sobre o seu grau de alfabetização e o tipo de escrita que lhes é concedido. Inicialmente isoladas na escrita privada e familiar, autorizadas a formas específicas de escrita pública (educação, caridade, cozinha, etiqueta...), elas se apropriaram progressivamente de todos os campos da comunicação e da criação: poesia, romance sobretudo, história as vezes, ciência e filosofia mais dificilmente. Debates e combates balizam estas travessias de uma fronteira que tende a se reconstituir, mudando de lugar (PERROT, 2005. P.13).

Apesar de muitos retrocessos e lutas, o principal de tudo é que as mulheres nunca desistiram de conquistar seus espaços na sociedade, na literatura, na política e na universidade. Em meio de muitas barreiras, elas conseguem sobreviver numa sociedade machista e dominante, conquistando progressivamente espaços e oportunidades de se destacarem como mulheres. Com isso, só se evidencia que ao longo da história foi preciso resistência em busca de reconhecimento e direitos que assegurassem a dignidade das mulheres.

A literatura de autoria feminina precisou perpassar por algumas fases. De acordo com Calegari (2005). Na primeira fase, é o momento que a escrita das mulheres imitava os modelos publicados por homens, a norma vigente ditava os modelos a serem seguidos.

A segunda fase ficou marcado pelos protestos contra os padrões vigentes, mencionados na primeira fase, ou seja, vemos nesse momento a luta pela minoria e pelo lugar da mulher em sociedade. Por último, na terceira fase, temos um cenário mais favorável, pois a literatura de mulheres já amadurecida e consolidada busca a identidade própria das mulheres, sem as normas patriarcas ditando como elas precisavam agir e viver em sociedade. A partir desse fortalecimento, as mulheres passaram a ter espaço para expressarem o seu olhar sobre a sociedade. Conforme pontua Ramalho (1999):

Conforme vemos, as reformulações na perspectiva histórica do mundo e da humanidade possibilitam, de certo modo, uma “identificação” das chamadas “minorias”, até então ignoradas pelo discurso logocêntrico. Incluídas neste contexto, damos destaque às mulheres, cuja palavra vem assinalando, lenta, mas obstinadamente, sua presença na história, sobretudo através de uma criação literária bastante expressiva (RAMALHO, 1999, p. 58).

Entendemos, dessa forma, o longo processo para haver rompimentos a partir da ativação empreendida por algumas mulheres escritoras. A abertura para as classes que viviam à margem foi um grande avanço, o poder que era centrado apenas em um grupo social, descentra-se atingindo outros segmentos sociais. A partir desse descentramento, destacamos as vozes das mulheres, pois podemos pensar na construção da história das mulheres que se fundamente na identidade de cada uma.

As produções literárias das mulheres não eram valorizadas, e isso se dava porque na história os nomes de autoras foram omitidos, negava-se a elas a independência, a autoria nos escritos e o espaço de publicação. Por outro lado, as que pertenciam às famílias nobres, com poder aquisitivo elevado, sem dúvida possuíam um tratamento diferente e até mais liberdade de escrever e serem reconhecidas como escritoras. É o caso de Margarida de Navarra.

O espaço que Margarida de Navarra ocupava no período do Renascimento lhe conferiu privilégios que talvez se ela não fizesse parte da nobreza não teria alcançado, por exemplo, o status de escritora, a participação na vida política, o destaque nas letras e nos negócios do reinado. Ela foi a rainha de Navarra e era irmã do rei da França, e isso lhe possibilitou uma melhor

abertura para viver em sociedade em condições diferenciadas em relação às outras mulheres.

Portanto, as mulheres no âmbito escritural sempre encontraram resistência, seja no âmbito da produção, publicação e divulgação dos livros, isso tudo advindo de uma sociedade marcada por um discurso androcêntrico, que não dava lhe dava espaço, nem reconhecia suas capacidades intelectuais. Polesso (2010), destaca que a crítica feminista vem justamente para diminuir as lacunas culturais criadas a partir de discursos misóginos contra as mulheres.

Depois de tantos retrocessos, as mulheres começaram a entender que podem sim ser protagonistas de suas próprias histórias e se construírem a partir da reivindicação dos direitos e espaços, além de considerarem a ideia de poderem expressar suas opiniões como sujeitos independentes.

Segundo Zolin (2009), com a crítica feminista as vozes de escritoras mulheres passaram a ser ouvidas. Assim, foi um passo muito importante dos movimentos feministas, pois no contexto de desigualdade, silêncio e exclusão, a crítica feminista surge para romper com o silêncio a tanto tempo imposto as mulheres autoras.

[...] a crítica literária feminista, bem como o feminismo entendido como pensamento social e político da diferença, surge com o intuito de desestabilizar a legitimidade da representação, ideológica e tradicional, da mulher na literatura canônica. (ZOLIN, 2009, p. 106).

Compreendemos que são avanços inegáveis para a literatura de autoria feminina, a qual possui uma preocupação inicial de denunciar a misoginia existente, mas também o principal intuito da crítica feminista é possibilitar uma visibilidade as obras de autoria de mulheres. A visibilidade ao escrito da mulher nos permite conhecer as suas vivências e experiências.

Lemaire (1994), considera:

A história literária, da maneira como vem sendo escrita e ensinada até hoje na sociedade ocidental moderna, constitui um fenômeno estranho e anacrônico. Um fenômeno que pode ser comparado com aquele da genealogia nas sociedades patriarcais do passado: primeiro, a sucessão cronológica de guerreiros heroicos; o outro, a sucessão de escritores brilhantes. Em ambos os casos, as mulheres, mesmo que tenham lutado

com heroísmo ou escrito brilhantemente, foram eliminadas ou apresentadas como casos excepcionais, mostrando que, em assuntos de homem, não há espaço para mulheres “normais”. (LEMAIRE, 1994, p. 58).

A partir desse trecho observamos que por muito tempo, a literatura escrita por mulheres foi vista com desdém, e classificada como sem conteúdo. Muitas mulheres que escreveram no seu tempo não tiveram a oportunidade de publicar, apenas postumamente é que receberam reconhecimento. Contudo, o processo de ressignificação do ambiente literário para as mulheres foi e ainda é algo a ser levado em discussão, uma vez que a luta não ficou no passado, é ainda muito presente a busca por espaço da palavra das mulheres.

Assim, relembramos que a luta das mulheres por igualdade de direitos sociais, civis e políticos vem sendo uma conquista diária, mas também é importante salientar que alguns pensamentos já sofreram modificações, quando Ramalho (1999), pontua que a mulher não é igual aos homens, nem as outras mulheres, afinal cada uma possui sua própria identidade, a qual é construída socialmente a partir das suas vivências.

Ou seja, a igualdade das pessoas significa igualdade de seus direitos, não é no sentido que as pessoas sejam idênticas por condições, por natureza. Segundo Tedeschi (2016), o problema não se encontra na diferença, mas no modo como elas são hierarquizadas. Nessa hierarquia as mulheres aparecem como inferiores aos homens. Por isso, a necessidade de haver uma conscientização das mulheres sobre si mesmas, sua posição na sociedade. Corroborando com esse pensamento, Navarro (1995), esclarece:

A literatura feita por mulheres envolve dupla conquista: a conquista da identidade e a conquista da escritura. Ultrapassados os preconceitos e tabus com relação ao potencial criativo feminino, vencidos os condicionamentos de uma ideologia que a manteve nas margens da cultura, superadas as necessidades de apresentar-se sob o anonimato, de usar pseudônimo masculino e de utilizar-se de estratégias para mascarar seu desejo, a literatura feita por mulheres hoje, se engaja num processo de reconstrução da categoria mulher, enquanto questão de sentido e lugar potencialmente privilegiado para a reconceptualização do feminino, para a recuperação de experiências emudecidas pela tradição cultural dominante (NAVARRO, 1995, p. 188).

Com o rompimento desses impasses, a mulher passou a conquistar espaços e ganhar representação autônoma e crítica. As potencialidades das mulheres passaram a ser reconhecidas como característica de sujeitos capazes de fazerem e escreverem histórias. Pensar na conquista da identidade é sobretudo refletirmos em torno das falas dessas mulheres, bem como na sua escrita.

Segundo Navarro (1995), ao se referir a textos de autoria feminina, é estar antes de mais nada diante de um texto que traz o ponto de vista da mulher. Tal indagação é pertinente, pois uma classe que sempre foi relegada ao silêncio precisa ser ouvida e por meio de seus escritos desenvolverem pesquisa, fazerem ciência e contribuir com o campo literário. A militância das mulheres que gostam e precisam escrever é uma atividade diária que se configura na representação feminina fazendo literatura antipatriarcal.

Voltando a nossa discussão para o século XVI, sabe-se, que mesmo a mulher figurando na sociedade desta época, pouco ou nada se sabe dela (s) ainda hoje em termos historiográficos e literários. O caso de Margarida de Navarra torna-se uma exceção, por ser nobre, e ter livre acesso ao reinado do irmão, adquire reconhecimento em seu tempo. Entretanto, hoje, carece de reconhecimento, já que foi praticamente ocultada da historiografia literária e oficial.

Contemporaneamente, graças aos esforços empreendidos pela crítica literária de cunho feminista é que temos acesso a obras de mulheres em tempos bem remotos e também um processo revisionista do cânone, que, por muito tempo, excluiu obras, apenas por questões de valor, poder, hierarquia, gênero, raça, etc. Nesse sentido, Margarida de Navarra figurou como protagonista em sua época, enfrentando as conturbações do período ao buscar um lugar na história, mas foi relegada ao esquecimento. As razões para tal “esquecimento” são bastante complexas, até porque, “a patriarquia nunca impediu a mulher de falar (e de escrever), [...] sabemos que sempre se recusou a ouvi-la quando ela não falou (e escreveu) do ponto de vista do universal, isso é, do ponto de vista masculino”. (SCHMIDT, 1995, p. 185).

A partir dessas considerações, já podemos refletir acerca do lugar em que se encontrava Margarida de Navarra, já que em uma época bastante turbulenta

em termos de questões sociais, políticas e, principalmente, religiosas, temos uma mulher atuante. Na verdade, não só Margarida de Navarra teve importância imprescindível para a emancipação feminina na época renascentista, mas outras mulheres que ainda vivem no silêncio e precisamos de intensas pesquisas para redescobri-las. A título de exemplo, citamos, Louise Labé⁷, Vittoria Colonna⁸, etc.

Consoante Brochado (2001):

Não vamos pensar com isso que a produção intelectual feminina é inexistente, que não há vestígios escritos deixados pelas mulheres, principalmente de períodos mais remotos, ou seja, que não há informações sobre o que as mulheres há cinco ou dez séculos pensaram sobre si, sobre o mundo, sobre a vida. Como já dissemos, os registros existem e não são poucos, apesar do esquecimento forçado em que foram submetidos - muitos deles conhecidos em seu tempo, mas esquecidos principalmente a partir da modernidade. (BROCHADO, 2011, p. 05).

Isso nos mostra que apesar do discurso feminino ainda está encoberto por uma série de razões, algumas até inexplicáveis, é fato que muitas mulheres receberam destaque e tornaram-se reconhecidas no meio social, e, por conseguinte, grandes incentivadoras em rumo à igualdade de direitos entre os sexos. A posição que Margarida de Navarra ocupou lhe conferiu certos destaques, uma vez que foi de origem nobre na França, membro da família real do século XVI.

Ela foi atuante no seu tempo, não se calou frente a imposição masculina, e ao longo de sua vida se destacou na política, nas letras e nas artes, deixando seu legado de mulher escritora, conforme Almeida (2010):

Margarida tinha um talento nato para a erudição, gostava de aprender e fazia progressos em seus estudos. Ela estudou italiano, espanhol e latim. Conhecia um pouco de grego e estudou também hebraico. Escrevia com facilidade e também entendia de filosofia. O conhecimento era necessário à sua

⁷ Louise Labé recebeu uma educação refinada para época, foi uma jovem independente, disfarçou-se de homem para participar de um torneio de esgrima em Lyon. Sua principal obra foi o Debate da loucura e do amor, de 1555, onde ela defende o direito das mulheres à educação, à liberdade de pensamento e a escolha de parceiros.

⁸ Vittoria Colonna foi uma mulher inteligente e uma das expressões marcantes da poesia da Itália do século XVI, ocupou um lugar de destaque dentro da poesia feminina daquele país.

mente sedenta do saber, a tal ponto que todos percebiam essa tendência [...]. (Almeida 2010, p. 83).

Como podemos observar a partir da citação, Margarida de Navarra foi uma mulher que, apesar de viver em uma sociedade onde o principal papel destinado às mulheres era à função materna, às atividades domésticas, ela buscou andar na contramão desses padrões, se interessando pelas letras, o que a fez ocupar segmentos relevantes no meio político, como por exemplo, quando assume o reinado de Navarra e participa com veemência do reinado do irmão na França. Ela foi uma das mais poderosas rainhas da Europa, alguém que lutou pela subversão dos padrões patriarcais da época, sempre foi aversiva ao ódio e todo e qualquer tipo de repressões. Por pertencer a família real isso facilitou bastante o acesso aos estudos. Além disso, junto com seu irmão, o rei Francisco I da França, atuou praticamente como diplomata, resolvendo os negócios do governo, comunicando-se com outros nobres da Europa, tudo isso lhe conferiu destaque.

Como já foi dito anteriormente encontramos um pouco de dificuldade em encontrar referências acerca do legado literário de Navarra. Pensando nessa dificuldade de encontrarmos pesquisas voltadas a escrita de Navarra e o seu legado, refletimos a partir de Mendonça (1999) quando discorre que:

De um modo geral, os textos, ou fragmentos de textos [...], já refletem uma situação antiga da mulher escritora: o espaço restrito de sua palavra, pelas dificuldades de (re) conhecimento de suas autoras e mesmo pelo desaparecimento de alguns destes textos, recuperados não antes de vários 'garimpos' pela história da literatura. Tanto assim, que nos faz parodiar o antigo provérbio: "As palavras voam, e os escritores também" (MENDONÇA 1999, p. 60).

A partir desse pensamento de Mendonça (1999), refletimos sobre o apagamento de muitas escritoras na história, quando a autora expõe que não só as palavras voam, mas escritores também, é para mostrar a situação subjugada que a mulher escritora foi sujeita a passar, resultando na perda de muitos escritos. Por isso mesmo a necessidade de realizar vários e cuidadosos garimpos para encontrar escritos valiosos escritos por mulheres.

3. CAPÍTULO 2: MARGARIDA DE NAVARRA E A OBRA *HEPTAMERON*: ALGUMAS ANÁLISES

3.1. Algumas notas sobre a autora: Margarida de Navarra e a sua importância para a Reforma Protestante

Margarida de Navarra foi de origem nobre, membro da família real. Nasceu em 1553 e desde pequena se mostrava uma menina esperta e muito inteligente. Sua mãe sempre se preocupou em prover as melhores governantas para educá-la. Foi educada em idiomas, filosofia, história e teologia. Casou-se, mas veio a ficar viúva. Anos mais tarde, casou pela segunda vez com o rei Henrique d'Alberto, se tornando assim a rainha de Navarra.

A sua escrita causou muitas inquietações, pois buscou denunciar práticas corruptas da corte realizadas por líderes religiosos e, por isso, levantou diversos inimigos por parte do Clero. Margarida de Navarra após se deparar com os livros de Lutero passou a entender que a igreja havia se desviado do seu propósito, passando a viver uma fé hipócrita. Assim, ansiava ter uma religião que vivesse a fé e o amor ao Evangelho de Jesus Cristo. Por isso, passou a lutar em favor de uma reforma na religião. Por meio de sua influência política e persuasiva conseguiu adeptos para a causa e colaborou com os reformadores de maneira direta. Um dos meios que encontrou para expor questões sociais e religiosas se deu a partir das novelas que escreveu na obra que analisamos.

Segundo Almeida (2010), Margarida de Navarra possuía um vasto conhecimento teológico, sendo possível ser notado pelos embaixadores papais e outros diplomatas, além disso, exercia uma forte influência sobre o rei Francisco I da França, uma vez que foi uma mulher ativa na política, dando abertura para escrever suas novelas com teor crítico e denunciador.

A França no período do Renascimento vivia grandes transformações em diversas esferas, e Margarida de Navarra torna público as incongruências ocorridas na época (algo que não ficou apenas no século XVI). As novelas do *Heptameron* (1560) tiveram grande destaque para época da Reforma Protestante, porque foi escrito por uma mulher e pelo conteúdo apresentado,

pois quem se atreveria a escrever sobre assuntos que atingiriam diretamente a igreja e os líderes, ou seja, a realidade social e religiosa, geralmente eram homens. Quando refletimos que uma mulher teve essa audácia, entendemos sobre sua importância. Dessa forma, Margarida de Navarra escreveu em sua época sobre temáticas tidas como proibidas, os temas que uma mulher podia escrever era mais voltado para assuntos do lar, da boa mãe e esposa. No entanto, ela surge com uma proposta diferenciada quando em sua escrita evidencia fatos corriqueiros da sociedade. A obra de Margarida é um caminho para entendermos a visão que ela tinha da sociedade, quando escolhe como temáticas, romances, casos adúlteros, lascívia, corrupção do clero.

Por isso, Almeida (2010) assevera que o *Heptameron* (1560) é “muito rico para a compreensão das possibilidades da voz feminina, “com seu formato complexo e inventivo, as novelas tratam homens e mulheres com igualdade”. (ALMEIDA, 2010, p. 158). A narração se dá a partir do embate de ideias proferidas por cinco homens e cinco mulheres, o que confirma o desejo da autora em promover equidade entre os sexos no momento da exposição narrativa e quanto aos aspectos da vida cotidiana.

No entanto, se formos pensar na temática de igualdade entre homem e mulher citada por Margarida de Navarra no século XVI, podemos sim considerar um avanço bem significativo para o momento histórico que ainda não havia surgido o movimento feminista, o qual só veio surgir no final do século XIX.

Através da sua escrita, Navarra expôs “os perigos radicais de um celibato sacerdotal e da vulgaridade introduzida nos púlpitos e nos confessionários”. (ALMEIDA, 2010, p. 159), além de apresentar casos curiosos da corte do rei Francisco I. Margarida não só recebeu destaque no cenário político, mas soube de forma pacífica resolver os percalços da época diante das adversidades encontradas no que se refere à escrita de autoria feminina. Por isso, faz-se necessário o estudo acerca do legado de Margarida de Navarra e da sua obra poética e literária. Com o fim de contribuir para o (re)conhecimento dessa figura histórica e da apreciação da sua obra é que iremos analisar algumas das suas novelas.

3.2 Uma voz de denúncia através da literatura: uma análise da novela “XXXIII - O clérigo incestuoso”

A novela “XXXIII - O clérigo incestuoso” trata basicamente da história de um sacerdote que engravidou uma moça e usou de artimanhas para que todos acreditassem que tal acontecimento fosse um milagre divino, pois assegurava que a moça era virgem.

A história começa quando o conde Carlos de Angulema fica sabendo do boato de uma menina virgem que estava grávida. Sobre a moça são tecidos bons comentários, a ponto de todos acharem que a gravidez era fruto do Espírito Santo, tal como aconteceu com Maria, mãe de Jesus. Por isso, começaram a exaltar a moça. Além do mais, ela possuía uma vivência de integridade, recatada e frequentava constantemente a igreja, praticava jejuns, orações e participava das missas.

O sacerdote da paróquia também era considerado um homem de boa conduta e santo. A menina e o padre passavam muito tempo juntos e por isso surgiram alguns falatórios. Todas essas informações chegaram aos ouvidos do conde que manda investigar imediatamente o caso. O pároco se coloca à inteira disposição para responder a qualquer pergunta. A seguir trazemos o fragmento mostrando quando o pároco se defende frente aos boatos surgidos:

E no final da missa, o padre tomou o *Corpus Domini*, e, na presença de todos os presentes, disse a irmã:

-Maldita! Aqui está aquele que sofreu morte e paixão por você, e diante dele te exijo, é verdade que você é virgem como sempre me garantiu?

Ela, corajosamente e sem medo, lhe respondeu que sim.

- E como é possível que esteja grávida se ainda é virgem?

Ela respondeu:

- Não posso dar outro motivo, a não ser por obra e graça do Espírito Santo, mas não posso negar o bem que Deus me concedeu me conservando virgem, porque nunca tive desejo de estar casada.

Então, seu irmão disse:

-Aqui te entrego o corpo precioso de cristo, do qual receberás a tua condenação se não for como disseste, do qual serão testemunhos estes senhores aqui presentes, enviados pelo senhor Conde.

A garota, de quase treze anos de idade, fez este juramento:

-Aceito o corpo de Nosso Senhor, aqui presente, e que Ele me condene, diante dos seus favores e do meu irmão, se nunca me tocara homem algum que não fosse vós. (NAVARRA, 1560, p.1).

Nesse trecho vemos o momento que o pároco utiliza o símbolo do sagrado, a hóstia para tentar enganar todos os presentes, bem como o conde e se livrar dos boatos. Mas também vemos uma mulher que age assim por perspicácia ou por receio do que o padre poderia fazer, caso dissesse o contrário, já que ele exercia a autoridade. Ao longo da fala, a jovem quase não aparece. Então, refletimos que a mulher, nesta época, não tem o direito de fala, a todo o momento o clérigo profere o seu discurso, e quando ela fala é apenas para confirmar o que o padre lhe mandou dizer, isso confirma a submissão da mulher ao sacerdote. Por outro lado, a atitude do padre confirma a sagacidade e artimanha do mesmo.

No contexto do século XVI, dificilmente a mulher tinha o direito a fala e muito menos em público ou no espaço religioso. Perrot, (2005), discorre:

O que é recusado às mulheres é a palavra pública. Sobre ela pesa uma dupla proibição, cidadã e religiosa. 'Não permitis que uma mulher fale em público, abra uma escola, funde uma seita ou um culto. Uma mulher em público está sempre deslocada', diz Pitágoras. "As mulheres, no entanto, são o coro da cidade; requisitadas, elas aclamam os heróis, lamentam-se nos cortejos fúnebres; mas sempre em grupo anônimo e não como uma pessoa singular" (PERROT, 2005, p. 318).

Na esteira de Perrot (2005) a palavra pública era proibida às mulheres, seja como cidadã, seja na igreja, já que subir ao púlpito era destinado apenas aos homens, padres. É preferível que elas se mantivessem no anonimato. A novela evidencia essa situação vivida pelas mulheres, quando apresenta a ocultação da fala feminina, e a dominação do homem. A argumentação e justificativa advêm da parte do homem e nunca o contrário. Embora Perrot (2005) esteja escrevendo a partir do século XVIII e XIX, não havia mudado muita coisa em relação ao século XVI. Perrot (2005) ainda destaca:

As mulheres estão excluídas do poder, político e religioso. No Paraíso Eva perverteu definitivamente a palavra das mulheres. O cristianismo as admite na fé e na prece, mas no silêncio do arrependimento. A igreja primitiva admitia algumas tolerâncias. Diz-se que Maria Madalena converteu com sua pregação o Sul

da França. Mas esta excêntrica era uma' marginal. Em todo caso, a partir do século 12, a Igreja reserva estritamente a pregação a seus clérigos e os instrui para isto. As mulheres constituem seu auditório calado. "Em um mesmo movimento, qualquer palavra feminina foi, em breve vista com prudência ou desconfiança por numerosos clérigos, e, submetida ao crivo dos confessores, testemunhas e censores de muitos impulsos místicos". A palavra pública das mulheres na Igreja está ligada, desde então, à subversão e até mesmo à heresia (PERROT, 2005, p.318).

A moça da novela exerce um papel passivo na narrativa. Não vemos uma mulher que possui algum poder ou autoridade, mas está por trás da vontade do padre. A utilização da religião, do sagrado tem a finalidade de controlar a mente da moça mantendo-a calada, já que falar era considerado um ato de heresia e não só isso, mas contradizer o discurso eclesiástico. Nesse sentido, o fato da moça não ter voz na novela se atrela ao momento histórico, já que as mulheres não tinham oportunidade e nem direito de expor seus pensamentos. Nessa narrativa, o foco é na temática da denúncia ao meio religioso.

Outro aspecto pertinente para destacarmos é em torno da valorização da virgindade. Perder a virgindade fora do casamento era algo vergonhoso para uma mulher, era uma desonra. Como a história narrada não traz a voz da moça, não sabemos se ela demonstra repúdio pelo o que lhe aconteceu. Delumeau (1989), reflete que "nos meios da igreja possui uma verdade evidente que virgindade e castidade preenchem e povoam os assentos do paraíso" (DULEMEAU, 1989, p.472). No entanto, a novela evidencia outra situação quando desvenda o caso do padre que engravida uma menina de quase 13 anos. Ambos os princípios estão aqui sendo quebrados.

A narrativa denuncia e ajuda a vislumbrar a hipocrisia do meio eclesiástico, já que a instituição religiosa prega/obriga as mulheres a se manterem virgens, no entanto, praticam o que eles mesmos dizem que é proibido. A novela, nesse contexto, apenas desvenda fatos comuns na época, mas que ficavam encobertos.

No decurso da história, após o conde saber de tudo o que ocorreu através dos mensageiros, manda prender o pároco para que ele confessasse a verdade, pois ao saber do que havia ocorrido na igreja, logo deduz que o sacerdote havia engravidado a moça. E assim conclui:

Ela te disse que nunca foi tocada por outro homem além de seu irmão, eu penso que na verdade foi seu irmão quem fez o filho e querendo encobrir sua maldade fez esta grande fraude; e nós, que cremos que Jesus Cristo já veio, não devemos esperar outro. Assim, vá lá e coloque o sacerdote na prisão: tenho certeza que ele vai confessar a verdade. (NAVARRA, 1560, p.1).

Ao ser pressionado, o sacerdote confessa que engravidou a moça e já vivia há muito tempo com ela numa relação conjugal. Após a confirmação do caso entre a moça e o pároco, o conde manda queimá-los na fogueira após o nascimento da criança. Abaixo o fragmento apresenta o desfecho da intriga.

E assim o padre foi preso, ele confessou sua maldade e como havia aconselhado sua irmã o que dizer para encobrir a vida que levavam juntos, não apenas com uma desculpa leve, mas com uma falsa razão para pensar com a qual viviam honrados por todo o mundo; e quando ele foi repreendido por ter sido tão perverso para fazê-la jurar falsamente sobre o Corpo de Nosso Senhor, ele respondeu que não era tão atrevido e que não havia apresentado pão sagrado e nem abençoado. Ele relatou tudo ao Conde de Angoulême, que pediu à justiça que fizesse o que fosse pertinente. Esperaram a irmã dar à luz e, depois que a criança nasceu, foram queimados juntos irmão e irmã; e o povo sentiu um grande espanto ao ver, sob o manto da santidade, um monstro tão horrível, e uma vida tão saudável e digna de elogios, reina um vício tão detestável. (NAVARRA, 1560, p.2).

A partir do exposto, observamos que no final há uma atitude moralizante por parte do narrador e isso configura uma característica do *Heptameron* (1560). As histórias possuem uma moral da história como forma de conscientizar o leitor, além disso, instiga a leitura de forma crítica e reflexiva. Em termos aristotélicos, essas narrativas proporcionam um momento catártico ao final da leitura.

A denúncia recai sobre a vivência do sacerdote que deveria apresentar uma vida honrosa de atitudes exemplares, no entanto, apresenta-se como um pérfido num lugar tido como sagrado. O desfecho traz esse momento catártico como forma de ensinamento, temor, para que quem lesse a história não viesse a cometer tal ato, e para que, tal como os personagens não tivessem o mesmo castigo.

3.3 A mulher protagonista da narrativa: uma análise da novela “VI- O marido caolho”

A novela “O marido caolho” retrata a história de uma mulher que mantém um caso extraconjugal e os encontros sempre acontecem quando o marido sai de casa. Certo dia, ele já desconfiado da infidelidade da esposa traça um plano para descobrir o caso. Inventando que fará uma viagem de três meses, avisa a esposa e parte. Imediatamente ela chama o amante. O marido vendo tudo de longe, em menos de trinta minutos bate à porta e chama pela mulher. Ela reconhecendo a voz dele arquitetando um plano para se livrar da situação embaraçosa, já que o amante fica desesperado.

Ela, então, abre a porta e abraça o esposo, tapando com a mão o olho bom dele, já que ele não enxergava com o outro. Tal atitude permitiu o amante fugir, enquanto isso, a mulher abraçada com o marido caolho diz que havia sonhado com ele curado do outro olho, por isso, estava encobrindo o olho bom para saber se tal milagre havia acontecido.

Porém, o marido desconfiou da ação e ficou indignado pela traição, resolve deixá-la, mas depois dos conselhos dos amigos, familiares e, até mesmo, da esposa pedindo que ele voltasse para casa, decide voltar e morar novamente com ela.

Vejamos no trecho a reação na mulher:

Enquanto isso, o marido batia na porta e gritava o mais alto que podia. Ela fingiu não o conhecer e gritou para o criado: -Por que você não se levanta e silencia quem bate na porta? Essas horas virão para perturbar a casa de pessoas boas? Se meu marido estivesse aqui, você estaria segura! O marido, ouvindo a voz de sua esposa, gritou o mais alto que pôde: -Minha esposa, abra [...]. (NAVARRA, 1560, p.1).

A partir desse fragmento podemos analisar o quanto a mulher foi esperta em buscar uma saída para toda a situação. Ela teve a audácia de enganar o marido, de desonrar os votos feitos no dia do casamento. Isso é um disparate para a época, já que o perfil dela destoava completamente do que era apregoado na época.

Magalhães (2009) descreve como o casamento era no século XVI e destaca as virtudes que se esperavam no matrimônio, além disso, havia todo um cortejo para a consumação da união de duas pessoas. Algo que Magalhães (2009) também pontua é que “esperava-se da mulher sobriedade, simplicidade

no vestir e obediência ao marido. A vaidade era associada à futilidade e à sedução, era considerada vício e podia conduzir a gastos desnecessários que empobreceriam o agregado familiar” (MAGALHÃES, 2009, p.36). Assim, a mulher era reservada o papel secundário no casamento, apenas deveria obedecer e ser submissa ao marido.

Vejamos a atitude da mulher no fragmento abaixo quando abre a porta:

Oh, meu marido, como estou feliz por você ter vindo; eu estava sonhando com algo maravilhoso que você não pode imaginar. Ele sonhou que você tinha recuperado a visão do seu olho - e abraçá-lo e beijá-lo pegou-o pela cabeça e cobriu seu olho bom enquanto lhe perguntava: -Você não consegue ver melhor do que o normal? -E como não viu uma gota, fez sair o amigo [...]. (NAVARRA, 1560, p.1).

As palavras da mulher são irônicas quando diz para o esposo que estava sonhando com algo maravilhoso. Ela não apenas trai o marido como também tem a coragem de salvar o amante. Tedeschi (2016) pondera que na dimensão da história das mulheres sempre houve discursos para fragmentar a figura feminina, a colocando em posição desprestigiada em uma representação distorcida da realidade. Para Colling *apud* Tedeschi (2016):

[...] as mulheres ainda são apresentadas como morais, frágeis, dóceis, emotivas, amantes da paz, da estabilidade e da comodidade do lar, incapazes de tomar decisões, desprovidas da capacidade de abstração, intuitivas, crédulas, sensíveis, ternas e pudicas”, nos remete a atualidade das representações que continuam a definir os sexos a partir dos discursos misóginos na história. Segundo a autora, ao necessitar por natureza ser submissas, dirigidas e controladas por um homem, mesmo que de maneira contraditória, o discurso simbólico remete a uma natureza feminina morfológica, biológica e psicológica. Esta “debilidade” natural, congênita das mulheres, legitimaria sua sujeição, inclusive de seu corpo. (TEDESCHI, 2016, p. 156, *apud* COLLING, 2014, p. 13).

A linguagem é uma ferramenta importante para entendermos a dimensão dos discursos criados. A mulher, ao longo do enredo novelesco, foi construída a partir desses estereótipos cristalizados, mas como observamos, nessa narrativa, temos uma mulher audaciosa em todas as ações praticadas. Ela comete adultério, mas não sofre nenhuma punição pelo ato. Assim como, a virgindade, o adultério acarretariam por justa causa, a morte da adúltera e do amásio.

Por vezes, com maior frequência o adultério era usado como arma para oprimir as mulheres, uma vez que, no caso de o homem cometer o ato nada lhe acontecia, já quando se referia à mulher sofria graves punições, até a morte, ou carregar para o resto da vida a fama de adúltera, sendo, portanto, impedida de constituir família. O adultério, era, então, usado como um argumento para propagar a violência contra a mulher. Na novela, a voz narrativa traz uma visualização dessas questões sob outro enfoque, pois a mulher embora tenha traído o marido não é expurgada da sociedade, segue sua vida dentro da normalidade matrimonial. Aqui a situação se inverte, o marido sofre as sucessivas infidelidades da esposa e ainda a perdoa. Isso era comum a partir da perspectiva feminina, que através de um discurso naturalizado devia se manter recatada no que se refere à sexualidade e aceitar os casos adúlteros do marido. Apesar dessas intempéries imposta à mulher em termos sociais, cabe frisar a inversão de perspectiva dessa novela que aponta para a noção de igualdade entre os sexos, como por exemplo as mudanças de papéis na narrativa, quando aqui é a mulher que traí, mente e não recebe nenhuma punição pelo ato, tais coisas eram praticas apenas pelo o sexo oposto. A sagacidade dessa mulher advém da sua idade, ao contrário da outra mulher da narrativa anterior, que por sua pouca idade também conta muito na perspectiva e posição exercida no enredo.

3.4 Novela V: Os franciscanos- A hipocrisia religiosa e a violência contra a mulher

A novela “**V- Os franciscanos**”, conta a história de uma moça guia de barco que fazia dia e noite a travessia longa de um rio saindo de um porto chamado Coulon, como mostra o fragmento:

Era uma vez, no porto de Coulon, perto de Niort, um barco que passava dia e noite transbordando pessoas. Aconteceu um dia que dois franciscanos de Niort atravessaram o rio, os dois sozinhos com ela, e como a travessia é uma das mais longas da França, para matar o tédio os dois começaram a se apaixonar por ela, embora ela respondesse como ela deveria. Mas eles, como não estavam cansados da estrada nem congelados pelo frio da água, não quiseram admitir a vergonha da rejeição da

mulher e decidiram tomá-la à força ou, caso ela se recusasse, a jogariam no rio. (NAVARRA, 1560, p.1).

Partindo da atividade ocupada pela moça, já podemos traçar alguns pontos de reflexão que se associam ao nosso objetivo de pesquisa. Como já foi apontado na nossa discussão teórica, o Renascimento propiciou algumas rupturas sociais, a exemplo de a mulher poder ter alguma chance de trabalho fora da esfera doméstica. De acordo com Perrot (2005), a reforma protestante contribuiu para essa ruptura.

[...] A instrução protestante das meninas teria consequências de longa duração sobre a condição das mulheres, seu acesso ao trabalho e à profissão, as relações entre os sexos e até sobre as formas do feminismo contemporâneo” (PERROT, 2005. p.91).

Com a reforma protestante se abre um novo horizonte para as mulheres, pois agora elas também têm acesso às leituras, ao conhecimento, passam a ter acesso ao trabalho e à profissão. Terem acesso a espaços até então inacessível para esse momento é uma conquista. Se bem que é preciso deixar bem claro, mais uma vez, que essas rupturas foram sendo evidenciadas bem lentamente e nem atingia todos os segmentos sociais. De certa maneira, Margarida de Navarra traz isso em suas narrativas, mostrando esse avanço quanto apresenta uma personagem que trabalhava em barcos transportando pessoas, já que esta era uma atividade exercida por homens.

No período renascentista, a igreja já começara a perder a forte influência que detinha sobre as pessoas. Nesse contexto, a racionalidade humana toma o centro e outras perspectivas adentram as esferas sociais, políticas, religiosas, trabalhistas e pessoais. Como vemos na novela:

Mas como ela tinha mais sagacidade e astúcia do que malícia, ela propôs:

-Não sou tão grosseira quanto você pensa, mas peço que me conceda duas coisas e então verá que tenho tanto desejo de obedecê-lo quanto a você de me implorar.

Os dois frades juraram-lhe por São Francisco que lhe concederiam tudo o que ele pedisse para conseguir o que queriam.

"Eu lhe peço", disse ela, "que me prometa que nunca vai mencionar nosso caso de amor a ninguém."

Eles prometeram alegremente. E então ela disse a eles:

-Você terá prazer um após um, pois eu teria vergonha de ver os dois juntos. Decida qual dos dois quer ser o primeiro. (Navarra, 1560, p.1).

Após a descida dos franciscanos, a garota sai e deixa os dois naquele lugar deserto e ainda grita: “Esperem, senhores, que o anjo do Senhor os console, porque hoje vocês não receberão nada de mim para consolá-los”. Perrot (2005), aborda:

As mulheres, geralmente condizentes de seu papel, foram por vezes tentadas pela subversão de um poder religioso que as domina e as nega. O poder dos clérigos se dos príncipes é um poder de homens, misóginos porque convencidos da impureza e da inferioridade da mulher, e até mesmo de sua "ruindade" (PERROT, 2005, p.88).

Os membros que compunham o clérigo exerciam domínio e controle sobre as mulheres, pois declaravam que eram impuras e inferiores, isso já, apontando para a história de Eva como pecadora. A temática do estupro é trazida em discussão nesse enredo novelístico, um assunto que é considerado tabu para a época de Margarida de Navarra, e, por isso, apontamos a importância da sua escrita enquanto veículo de crítica e problematização em torno de temas corriqueiros da sua época, mas que não se debatia largamente. Nesse sentido, a escrita de Navarra quebra com diversos paradigmas do ser mulher e escritora no século XVI.

A mulher tida como sexo frágil na época trava uma batalha de resistência frente às ameaças dos dois sacerdotes. Depois de pensar e agir com cautela, ela consegue se livrar da maldade deles. A narrativa mostra que os dois sentindo-se enganados começam a gritar e implorar para que ela retorne e prometem nada lhe fazer se evitassem essa vergonha para eles. Mas a moça não ouve e diz: “Estaria louca se depois de escapar de suas mãos caísse nelas novamente”. Então, ao chegar à cidade ela contou o caso para o marido e as autoridades, pedindo para prender os dois frades. Ao saber do ocorrido, todas as pessoas das redondezas saem em busca deles, chegando lá riram da situação em que eles se encontravam, ridicularizando-os.

É bem verdade que na narrativa a moça consegue dar a volta por cima, mas nos faz refletir sobre os inúmeros casos de violência que aconteceram/acontecem ainda hoje contra as mulheres sem punição.

Assim finaliza a história:

Estes bons padres pregam a castidade para nós e depois retiram de nossas esposas.

Outros disseram:

-São caiados por fora, mas estão podres por dentro.

E outra voz gritou:

- Pelos seus frutos você saberá a que árvore pertencem.

Todas as passagens das escrituras contra os fariseus foram alegadas contra os dois pobres prisioneiros e seu superior veio para ajuda-los e libertá-los, garantindo aos da justiça que seriam punidos mais severamente do que os secularistas e, para satisfação de todos, garantiram que eles diriam tantas missas e orações quanto necessário. O juiz acatou o pedido do superior e entregou os presos, que foram advertidos na assembleia conventual pelo prior, que era um homem justo, a não atravessar mais o rio sem se fazer cruzar e se entregar a Deus. (Navarra, 1560, p. 2).

Como já apontamos anteriormente, as narrativas do *Heptameron* trazem um caso corriqueiro e no final uma crítica que sirva de ensinamento para reflexão sobre as questões da época. Aqui expôs-se a imoralidade dos frades, que enquanto, pregavam a castidade para a mulher, às escondidas tentavam deflorá-las. É comum também aparecer referências à Bíblia, como uma forma de confirmar a finalidade daquele conteúdo, conforme podemos comprovar no último excerto da novela. Conforme Almeida (2010), Margarida não intentava atacar a igreja, mas propor uma reforma, tornar claro para todas as pessoas as inverdades pregadas pelos representantes da instituição sagrada baseados na Bíblia, enquanto pregavam discursos moralizantes à frente de todos, na surdina viviam em profanidade.

3.5 Considerações gerais acerca das análises das novelas

Na novela que narra a história dos franciscanos que tentam estuprar a moça que trabalha no barco, vemos a figura feminina como protagonista. Bem como a novela “**O marido caolho**”, na qual a mulher comete adultério, mas não sofre nenhuma punição. As mulheres aparecem nas narrativas ora para subverter o que o período histórico esperava das mulheres, ora para mostrar como era a época, por exemplo, a condição de submissão tal como constatamos na novela “**O clérigo incestuoso**”. Portanto, Margarida de Navarra por meio de

sua escrita aborda temáticas proibidas para a mulher da época, denuncia as mazelas sociais, assim como dá espaço para a voz feminina, e isso aponta para uma clara consciência de gênero em termos de igualdade.

Conhecendo um pouco da história de Margarida de Navarra, bem como de seus textos, ratificamos a sua contribuição ao movimento reformista. Ela foi uma mulher que escreveu, denunciou os problemas sociais de sua época, em um momento em que as vozes das mulheres eram reprimidas, silenciadas pelo discurso masculino, por isso era algo bem difícil para uma mulher expressar suas ideias, opiniões e exercerem posição de destaque. Sem dúvida, Margarida, dentre tantas outras, foi uma mulher que conseguiu uma visibilidade pela posição que ocupava. Portanto, Almeida (2010), apresenta:

Margarida foi uma mulher atuante do século XVI que registrou suas ideias e crenças, algo raro à época e importante de ser destacado hoje, quando se procura escrever uma história inclusiva que abrange a mulher múltipla. Ela teve faces e desempenhou vários papéis: foi filha, irmã, esposa e mãe; foi embaixatriz, governante, princesa e rainha; foi humanista e humanitária; foi defensora do saber e da purificação da igreja; foi contista e poetisa, mas acima de tudo foi cristã. Foi difícil satisfazer, ao mesmo tempo, seu irmão, seu marido, seus professores luteranos, seus amigos eruditos e sua própria consciência liberal [...]. (ALMEIDA, 2010, p. 197).

Dessa forma, Almeida (2010) nos mostra o quanto Margarida de Navarra agiu para romper com as normas vigentes ao propor uma sociedade livre, mais igualitária, mais acessível para as mulheres. Além disso, um despertar para fé e os princípios bíblicos tão deixados de lado naquele momento.

Através das narrativas que analisamos nos deparamos com personagens que nos ajudam a entender a época representada, através das ações e posições que ocupavam as personagens temos um olhar crítico acerca de tal contexto. A voz narrativa descreve situações vivenciadas na época pelas mulheres, que, por vezes, utilizaram de esperteza para se sobressair de situações difíceis. Pensar na representação da mulher entre os séculos XVI ao XVIII é refletir a partir do conceito de silêncio. Vanda Anastácio (2013) aborda que nesses séculos não temos necessariamente um tipo de escrita de mulher, mas, com frequência encontramos gêneros literários, e um desses gêneros estão as novelas e o

poema. A novela foi o gênero utilizado por Margarida de Navarra quando decidiu escrever o *Heptameron*.

O protagonismo das mulheres nas novelas analisadas ora é marcado por episódios em que as mulheres tiveram papéis de liderança, ora pela posição passiva de submissão. Fica evidente que a autora apresenta conflitos que muitas mulheres enfrentaram ao longo da história, principalmente, o silenciamento que lhe eram impostos, a violência, e a própria condição do ser mulher.

Por outro lado, Margarida de Navarra analisa que as mulheres também tiveram suas oportunidades, muitos discursos negativos foram sendo rompidos, a exemplo da novela que trata o caso da mulher que conseguiu enganar os franciscanos, para não ser deflorada. Ou seja, são novelas que nos fazem pensar na mulher a partir de outras perspectivas e que se distanciam ou pelo menos problematizam o ser mulher no século XVI. É perceptível que a autora buscou abordar os dois lados da moeda, a situação da época, mas também evidenciar a participação das mulheres na construção da história.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar na escrita de autoria feminina na época da Reforma Protestante e como Margarida de Navarra se inseriu nesse contexto contribuindo para a emancipação da mulher e para o campo literário, é algo a se considerar, para que possamos refletir a partir das vozes das mulheres nesse momento, se é que elas tinham voz social, política e editorial, e as rupturas e mudanças causadas na religião com a atuação de algumas mulheres.

Margarida de Navarra deixou seu legado ao fazer parte de uma sociedade Misógina que em muitos aspectos excluía a participação feminina. Foi entre outras mulheres do período reformista que se estabeleceu no meio social, defendendo suas convicções e anseios.

Assim, por meio dessa obra entendemos uma época de grandes conturbações sociais e políticas quando traz à tona várias denúncias à hipocrisia da parte dos líderes da igreja, às práticas corruptas da sociedade, à imoralidade presente, ao engano, à mentira e à depravação dos membros religiosos.

Outra problemática indagada nas novelas é acerca da violência contra a mulher. Muitas mulheres sofriam diversos tipos de violência, mas eram mantidas em silêncio, pois muitas não viam saída para tal situação. Assim, Margarida de Navarra dedica em suas novelas situações de violência contra a mulher.

A crítica literária feminista busca dar visibilidade a escritoras e obras que não configuram em nossa história literária, visando assim, garantir que autoras e obras possam ser (re) lidas, a fim de construir uma memória feminina nas letras. Os estudos da crítica é um instrumento para ler e interpretar o texto literário, promovendo uma transformação da condição de subjugada da mulher.

Assim, refletimos sobre a importância da crítica feminista em promover o resgate de nomes de mulheres que deixaram um legado de resistência, persistência e que foram transgressoras em suas épocas deixando um legado enquanto mulher e escritora. Essa atuação, portanto, coloca a mulher em pauta, antes mantida no anonimato.

Portanto, observamos a necessidade de realizarmos o estudo acerca das novelas de Margarida de Navarra, as representações femininas em seus enredos e seu posicionamento na esteira literária da época. Além do mais, refletimos sobre a contribuição singular que teve no período reformista.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rute Salviano. **Uma voz feminina na reforma. A contribuição de Margarida de Navarra à Reforma Protestante.** São Paulo: Hagnos, 2010.

ANASTÁCIO, Vanda (Org.) **Uma antologia improvável: a escrita das mulheres (séculos XVI a XVIII).** Lisboa: Relógio D'Água, 2013.

BROCHADO, Cláudia Costa. **Mulheres escritoras e a construção de uma outra genealogia: Isabel de Villena, escritora ibérica do séc. XV.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH São Paulo, julho 2001.

CASTELLO BRANCO, Lúcia; BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita.** Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004.

CUNHA, Paula Cristina Ribeiro da Rocha de Moraes. **Da crítica feminista e a escrita feminina.** Revista criação & crítica, n. 8, p. 1-11, abri. 2012.

DELUMEAU, Jean. “Os agentes do Satã: III. A mulher” In.: **Historia do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada.** Trad.: Maria Lucia Machado, Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 462 - 522.

DUBY, Georges. Depoimentos, testemunhos, confissões. In: DUBY, George; PERROT, Michelle. (org.) **História das mulheres no Ocidente: a Idade Média.** Porto: Edições Afrontamentos, 1993. p. 593-599.

LEMAIRE, Ria. **Repensando a história literária.** In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 58-71.

MATOS, Alderi Souza de. **A Reforma Protestante do século XVI.** Viçosa, MG: Ultimato, 2005). Coletânea de textos breves sobre temas variados da história da igreja.

María Milagros Rivera Garretas. **Textos y espacios de Mujeres.** Europa, siglo XVI. Icaria editorial, s.a, Ausiás Marc 16,3r 2a / 08010 Barcelona. 1995.

MAGALHÃES, Susana Paula de Oliveira. **A MULHER DO RENASCIMENTO INGLÊS SEGUNDO A ESCOLÁSTICA E A TRADIÇÃO MEDIEVAL.** Universidade Aberta, Lisboa 2009.

MENDONÇA, Maria Helena. **A literatura de autoria feminina: (re)cortes de uma trajetória.** In: **Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas.** Rio de Janeiro: Elo, 1999. p. 51-71.

NAVARRO, Márcia Hoppe. **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.

POLESSO, Natalia Borges. **Da margem: a mulher escritora e a história da literatura.** MÉTIS: história & cultura – v. 9, n. 18, p. 99-112, jul./dez. 2010.

RAMALHO, Cristina (org). **Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro. – Bauru, SP: EDUSC, 2005.

SCHMIDT, Rita. **Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina**. In: **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995. p. 182-189.

SCOOT, Joan. **História das mulheres. A Escrita a história: novas perspectivas** / Peter Burke (org.); tradução de Magda Lopes. - Sao Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SILVA, Fabio Mario da Silva. **Cânone literário e estereótipos femininos: casos problemáticos de escritoras portuguesas**. Editora: Universidade Évora. Ano 2013.

TEDESCHI, Antonio Losandro. **OS DESAFIOS DA ESCRITA FEMININA NA HISTORIA DAS MULHERES**. Raído, Dourados, MS, v.10, n.21, jan./jun. 2016.

VIÑES, Hortensia. **La novela 26 del heptamerón: apuntes en torno a la narrativa de margarita de valois y angulema, reina de navarra**. Comunicación en Estella, Semana Medieval 1976. Universidad Complutense, Madrid.

ZOLIN, L. O. **Crítica feminista**. In: Bonnici, T;. ZOLIN, L. (orgs). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3 ed. Ver. Ampl. Maringá: EDUEM, 2010. p. 217-242.

Seleção de contos de Margarida de Navarra, disponível em:

<https://ciudadseva.com/category/libros-completos/el-heptameron>. Acesso em 23 fev. 2021.